

*MADEIRA*  
*ESCRITA*  
*A MÃO*

*Carlos*  
*Rodrigues*  
*Brandão*

### *Essa madeira escrita a mão*

Aqui estão reunidos alguns poemas meus incluídos ou não em livros já publicados, entre escritos avulsos. A maior parte deles foram criados em alguma viagem ou em algum lugar longe de casa.

Até hoje me espanta (mas não tanto quanto antes) o fato de que eu escrevo a minha poesia bem mais em um avião ou numa pousada de beira de caminho do que em minha própria casa. Mas bem sei que o mesmo acontecia com outros vários poetas de agora e de outros tempos.

Assim, como de costume, na maioria das vezes aqui estão poemas rabiscados em cadernos de campo, livretos de viagens, agendas, papéis esparsos e folhas de livros de poesia que me acompanhavam.

Foi com uma querida e inesperada felicidade que aqui e ali, em diferentes tempos e lugares eu fui redescobrendo poemas e outros escritos espalhados por tão diversos papéis.

Alguns poemas estão em outros livros publicados ou espalhados ao acaso em pequenas outras coletâneas.

*Rosa dos Ventos*  
*Primavera de 2017*

*De bota e bombacha*

No balanço onde balança  
O menino que eu fui  
Me olha de bombachas  
E de botas me sorri.  
Ele dobra uma perna  
E quase a outra  
Para caber no balanço  
Que como eu envelhece  
Na foto e na mangueira.  
O menino que eu fui  
Chamado: Carlos  
Tinha um suéter vermelho  
Com listras brancas.  
Ele me olha e sorri  
Como quem diz, e eu ouço:  
- Vamos! A vida vale a pena!  
De bota e de bombachas  
Na sombra da mangueira  
Ele me chama e grita:  
- sobe, ainda cabe um!  
Salto no balanço e fecho os olhos  
E quando abro só há o balanço  
E as sombra a mangueira  
Na manhã de Itatiaia..  
Pra onde ele foi? Pra onde eu fui?  
Ele era eu? E agora, quem eu fui?

*DA JANELA DE UM TREM*  
*idades entre São Paulo e Uberlândia*

*Jundiaí*

Há sapos em festa  
no escuro da noite  
cantando nos charcos  
de Jundiaí.

*São Simão*

Quando no campo  
onde semeia e colhe  
a noite pastoreia as estrelas  
qual delas clareia a noite  
da cidade-vila de São Simão?

*Aramina*

Essa cidade menina  
Na beira de trem e vida:  
Aramina.  
Na beira de riacho e trem  
coisas pequenas, pequeninas  
e longe do que é grande  
do Rio Grande  
de sua ponte sobre água fina  
a cidade vê o passar do trem  
e a sua sina  
de se pequena, pequenina  
Aramina.

*Buriti*

Mas as menores coisas  
estão em Buriti:  
mangueiras velhas  
e a ruína antiga  
de um muro de pedras  
que mãos negras  
levantaram um dia  
antes do trem de Minas  
e seu passar sem pressa  
por aqui, por Buriti.

*Anil*

Menor ainda

É a estação de Anil.  
Ninguém na janela  
(nem um gato, uma velha  
um vaso de violeta  
um par de pardais)  
na mínima única casa  
da estação de Anil.

### **O errante**

E no alto a cruz, no alto  
me diz o que vaga  
em minha alma  
e semeia em mim  
o ardor de navegar.  
E vou, e sou e sei  
que de Deus a eterna calma  
só encontra quem foi  
para um dia não voltar.

*Com Fernando Pessoa  
Em um dos poemas de Mensagem*

### *O silêncio*

Guardo para te dizer um dia  
a palavra nunca dita.  
No silêncio semeio o seu segredo  
e me revelo a ti de não saber, eu mesmo  
o que tenho a te dizer e calo ainda.

### *Beira rio*

Minha alma, meu silêncio  
caminhas agora, na beira de um rio verde  
e vou contigo e te guio, passo a passo,  
e choveu e ventou e agora há sol  
e juntos estamos inteiros na espera  
de um outro dia acaso. Um outro rio.  
Uma outra tarde, como agora.

*Soneto*

Bastou que o sol da tarde se escondesse  
Ah! Tempo quente mas de cores frias  
E bastava que um pouco ainda chovesse  
Para eu saber que habitava um dos teus dias

E caminhava sem saber o quanto guias  
Não só os pés e os passos, mas o rumo, esse  
Por onde quando chegas, tempo nem sabias  
Que é tanto o medo de que em ti eu me perdesse

Habitante que fui de um pouso à tarde  
Onde aprendi que viajando dentro das horas  
Não sei se chove ao não saber que o sol não arde

E entre pontas de luz e a sombra da asa  
Em que voas, dia, enquanto partes e demoras  
Em me seres mais que um tempo, a minha casa.

*Viajando entre lugares*  
*Agosto de 1973*



*Deixai-me voltar para casa*

Deixai-me voltar para casa.  
Deixai-me voltar para a minha casa.  
Já andei por todos os caminhos  
Que um dia me foram destinados.  
De muitas fontes de água eu bebi a água  
E bebi com outros o vinho de infinitos gestos.  
Fiz amigos em tantas línguas  
E em quantas camas despejei o corpo  
E entre o sono e o silêncio adormeci.  
Agora anseio apenas pelo caminho da volta.  
Entre todos os que eu percorri  
Este caminho é o mais fácil e mais distante  
Porque ele vai de onde eu fui  
Até o lugar sem nome de onde eu vim.  
Não me lembro de onde vim  
Mas é este o lugar para onde sonho  
Da direção dos passos e dos cantos  
Que ainda sei cantar quando caminho.  
E assim quero voltar à minha casa  
Até quando chegue a hora de partir de novo  
Da viagem ao lugar da última casa.

*Extrema, no sul de Minas Gerais*

*21 de outubro de 1991*

*(escrito e com data na contra-capá de um livro de poesia  
de Anna Akhmátova)*

*com este fragmento na última página:*

Talvez não seja  
Mais o tempo dos corpos  
Pois o outono deles  
É a primavera do espírito.

*a tarde, a noite*

Escuta: os tardos bois da tarde  
amanham grãos de março  
e sobre um monte onde há vozes  
voam três aves e anoitece.  
O escuro cai e faz o frio de maio.  
Troveja longe e um raio rasga um véu  
feito de orvalho e sonhos de menino.  
Há uma lembrança ontem esquecida  
de ser lembrada para sempre numa noite  
como esta, e sobre o corpo do campo  
algo de um rosto antigo paira  
como a pesada pessoa de um morto.

*No campo, quando*

A foice cortava anteontem  
o que não era prado e nem a festa  
no alqueire verde do chão.  
Não há um sino que redobre  
nesses altos ermos de sertão.  
Mas às seis horas da tarde  
algumas mulheres velhas  
cessam ofícios de forno e de fogão  
e abraçam não sei que nome  
como o de um filho ou de um deus.  
A noite cai por onde quer  
e para florirem os pés de ipês  
com a cor de alma e a cor da sombra  
a lua e as estrelas hoje esperam  
fogões apagados, cinzas, cinzas  
e o morno sono das chaminés.

*Pretos de Baixo  
Joanópolis  
fevereiro de 1993*

*inventário*

Seco, sem ares e vivo de vida  
o que é igual ao que não era azul  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
como essas águas de maio no sertão.  
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

*nem pão, nem flor*

Nada tenho que te dê:  
nem pão nem flor  
e esse agosto de um mar ao longe  
nos devolve, amiga, a dor  
de havermos saído do silêncio  
sem saber cantar a deus e ao mal.  
Mas se uma estranha memória me devolve o mar  
não sei porque estas rosas de julho  
não floriram ainda e nem porque  
Este vulcão do México se cobriu de nada e silêncio.  
Não sei, não somos e o silêncio passa  
sem ser no entanto nada, agora e antes.  
Lemos palavras que outros escreveram  
aqui, neste livro velho de receitas  
soletramos vogais mas bem sabemos  
que a vida se escapa destes signos  
e fechado o livro nós esquecemos  
o que houve e quem somos nós em agosto.

*Poema escrito em uma última página de um livro cujo nome esqueci.  
Deve ter sido no México DF, pelas indicações de um endereço acima*

*O recado*

Ah! morte, quando tu venhas  
me avisa pelo correio,  
para que eu acenda velas  
e ponha vinho na mesa.

Convém cantar cançõezinhas  
enquanto a noite não chega.  
em uma o teu corpo é a lua  
e na outra a tua alma esteja.

Numa havia três duendes  
na outra um anão e um camelo.  
mas se não havia ninguém  
como vi teu rosto no espelho?

Lembrei então três estórias  
entre flor e vela acesa:  
em duas tu eras pastora  
e na terceira, princesa.

Oh! morte, quando tu venhas  
põe flor e vinho na mesa.  
Acende velas e espera  
que eu chego pelo correio.

*Petrignano di Assisi*  
1992

*Os dias*

São sementes os dias.  
No chão do tempo alguém enterra o grão  
E como o milho o dia brota com o sol.  
E olhas o relógio e não as folhas verdes.  
Quem era aquele que passou ali, agora?  
Não sabes e olhas o relógio e dizes:  
“o tempo passa”. E ele se foi. Passou  
e poderia ser o Buda ou o Cristo.  
Passa o tempo, mas como o milho  
um dia o fruto amadurece.  
E isto é sempre. E é agora!

*Um pequeno animal de penas*

Não quero chamar “morte”  
ao que seja isto, agora.  
O pequeno animal de penas  
desistiu do voo  
e pousou sua mínima sombra  
em um canto do caminho.  
O olhar atrás das pupilas  
já não espia mais os grilos.  
Ele adormece e é sem sonhos.  
e a floresta enfim silencia.  
Uma outra vida se apossa de seu corpo  
e alimenta com ele uma outra vida.

*Na folha final do livro El bosque transparente  
De Angel Crespo  
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*



*Há horas como esta*

Um grão da chuva na folha caída, no outono.  
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.  
há horas como esta em que tudo alimenta a alma  
que caminha como se pudesse ver no vento  
o rosto de algum ser de mito e de magia.  
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem  
um anjo quando dorme e esquece por um instante  
ser eterno e como o homem, sonha.  
E ébrio do sonho deste instante, sonha ser humano.

*Na folha final do mesmo livro*

*De Angel Crespo*

*No mesmo voo de São Paulo a Madrid em 1999*

*Ali, na beira da estrada*

Como era o tempo de amoras maduras  
havia na beira da estrada uma mulher  
e um vestido negro, as sandálias gastas  
e um par de brincos de pedras falsas  
comprados na feira de domingo. E um olhar,  
Como direi? Um olhar de quem espera a custo  
a cada tarde a volta de um alguém vindo de longe.  
E ela amassava nas mãos uma folha seca  
e o pequeno estalido entre as mãos  
era na tarde das seis horas tudo o que se ouvia.  
Quando eu passei, como quem disfarça ela me saudou  
e antes que eu respondesse com um aceno, disse:  
*Ele não veio e não virá nem amanhã nem nunca.*  
*Mas, veja, eu espero aqui a cada tarde, como agora,*  
*Porque, se eu esperar, é como se ele tivesse vindo...*

*Um pouco de areia*

Quando venhas um dia  
trás nas mãos um pouco de areia  
e um punhado de sal.  
A água eu tenho e o pão.  
mas se trouxeres também vinho  
celebraremos aos deuses  
como é devido.

*Fiblos*

Fiblos, um viajante  
iluminado de haver visto  
veio até aqui dizer estas palavras:  
*Viajar é ontem.*  
*Não fui a parte alguma.*  
*Longe é minha casa, vejam,*  
*e o mundo é pouco.*  
*Sempre se vai de onde já se veio*  
*a única viagem é a volta.*

*Quem pela estrada vinha*

Era um tempo quando fui agora  
e que quando eu caminhava havia  
em cada curva da estrada a estrada inteira  
e na sua beira uma árvore encantada, creio.  
Quem pela estrada vinha e nela andava  
e cansado de andar pousava o corpo  
sob a sombra da árvore, e repousava  
sob a sombra dela, adormecia  
e sob a sombra da árvore se assombrava.

*Algumas velhas, alguns fios*

Era o tempo do ouro. Era novembro.  
Algumas folhas secas o vento esparramava  
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.  
De onde vinha a noite algumas velhas  
à luz da vela uma toalha entreteciam.  
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,  
e os olhos pequenos o que eles viam?  
As bocas sem dentes mal sorriam,  
e se elas se olhavam, não falavam  
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava  
o que não sei se é pranto, salmodia,  
ou fim de festa, baile ou batizado  
entre pão de mel, tapioca e vinho tinto  
que na dispensa guardavam e não bebiam.  
Mas era delas que os traços do bordado  
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha  
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

*João Bá*

Duende e mago  
menino e músico  
baiano com ar de carioca  
cantava pra manhã  
às cinco horas  
quando mal o sol nascia  
no Sul de Minas.  
Comia café com tapioca  
solfejava ao Sol  
em **sol maior**,  
e em **si** silenciava  
o céu do dia.

De longe, em **lá**  
de lá se vinha.  
E a quem partia  
em **fá** falava “adeus”,  
e em **dó e ré**  
soletrava e repetia  
as canções-macunaíma  
que de noite ele inventava  
e manhã cedo ele esquecia.

De **repente** parecia  
que ia embora  
Mas não se foi e disse:  
Ainda falta cantar  
o que eu já cantei  
a vida longa e inteira  
e pelo rio da vida afora.  
E ainda falta inventar  
o que eu, menino-passarinho,  
ainda não poetei até agora.

*Quem?*

O que nós somos?  
Quem diz o ser  
de quem pensa ser?  
Somos quem somos  
ou são os outros  
que de nós mesmo  
nos dizem: “eles”?  
Somos areia  
e cabe ao vento  
dizer quem somos?  
Somos quem fomos  
e fomos quem?  
E se nem somos  
somos ninguém?



*Quem?*

dois

O que nós somos?  
Quem pensa o Ser  
Que sonha ser?  
Somos quem somos  
Ou são os outros  
Quem dizem: “nós”.  
Somos areia  
Que ao vento vai  
E cabe ao vento  
Dizer quem somos?  
Somos quem fomos?  
E houve um ontem?  
E fomos quem?  
E quando somos?  
E se nem somos  
Quem foi alguém  
Quem fomos? Quando?  
E agora enfim  
somos ninguém?

*E hoje quando é tempo agora*

“Combati o bom combate”.

Combati?

Vaguei mil dias e mares sete vezes  
e sete vezes entre trilhas me perdi.  
E hoje, quando é tempo agora  
de medir em braças o que eu vivi  
vejo que viajei pela vida, vida afora,  
sem sair da rua onde eu nasci.

*Capela na mata*

De pedra, uma capela  
ali na floresta, como a pedra  
sob a sombra de uma cruz de Cedro  
que mal o sol de maio roça,  
plantada, como a árvore ao lado  
de pedra uma capela  
espera a noite e um deus.  
Da copa de um Angico acima  
cai, como a noite, escura  
uma semente madura,  
promessa de fruta caída cedo  
sobre o teto de telhas da capela.  
É ela nada, ou um deus?

*O lavrador*

Acolhe entre o tronco e o braço  
o cabo liso da enxada,  
e curvado sobre a terra escura  
com as duas mãos  
dissolve grãos de terra.  
Os dedos amassam e quebram torrões  
e em grãos ele devolve à terra a terra.  
Ali, no sulco arado a suor e aço  
ele atira três sementes a cada passo  
e com os pés recobre com terra  
o que depois da chuva será vida.  
No fim do sulco ele pousa no ombro a enxada  
e volta ao rancho e lava as mãos e o rosto.  
Não na porta do rancho beija a esposa.  
Silencia as palavras de quem chega.  
E se olham em silêncio e não se abraçam .  
E em silêncio se falam e dizem tudo  
entre gestos de não-dizer, como se em prece.

*Deus?*

Chamei teu nome, Deus,  
chamei o teu nome  
e no silêncio da noite  
o vento respondeu com o vento.  
A noite foi o desenho de teu rosto  
e eu quis tocá-lo e toquei o meu.  
Se foi assim, é porque não és  
ou será porque estás em mim  
que ouvindo o vento  
ainda não te ouço  
e assustado, ouço a mim?

*No trem, até Burgos*

Não é porque esta tarde traga  
Algo do inesperado canto de um passarinho  
E nem porque no ar, além janelas  
Haja um último calor antes do outono.  
E nem porque, vindo do anil do céu  
Haja em volta dos pinheiros aquela aura  
De quando já é inverno, e já dezembro  
E a saudade de Deus esquece o sono  
E nem porque em Ávila haja muralhas  
Frágeis demais para os ataques da alma ou do vento  
E em estórias de fadas ou de meigas  
Nessa hora do dia nem se pensa.  
É só porque o corpo viaja manso  
E esquece os seus pesares, e sonolento  
Lembra de si mesmo em outro tempo.  
É porque ele sonha, e ele sonha  
É com os olhos abertos, bem atentos.  
E eu me assusto de mim. Existo?  
Penso? Não sei, sei que viajo  
E volto à casa, e peregrino  
A casa é qualquer canto onde eu me sento.  
Um ciclo do ano cessa todo o dia  
E o fim do ano foi ontem e é hoje ainda,  
Dia dezessete de setembro  
Cinco antes do Equinócio e do solúço  
Com que as águas se despedem do verão.

*No trem, entre Madrid e Burgos*  
*17 de setembro de 1994*

*Canção de outono – vésperas*

Claro,  
Você pode comer a carcaça de um coelho  
E dizer que não faz isto por gosto,  
Mas para deixar vivo um rito de ancestrais  
Desaparecidos antes da última glaciação  
E cujos rituais de comunhão com a terra  
Através do sacrifício de seus bichos  
É uma das melhores heranças que eles nos deixaram.  
Nós, herdeiros e guardiões da memória  
E dos gestos como este, agora:  
Beber o vinho com olhos de surpresa  
(ninguém bebe vinho sem espanto!)  
E comer bocados de carne com batatas.  
Mortos os homens, ficam os ritos  
E se não subimos mais altas montanhas  
Para sacrificar ao deus um filho ou um cabrito  
E se nem mesmo mais aos nossos mortos  
Levamos vasilha de arroz,  
água de cheiro e pétalas de flores  
Então que se saiba ao menos isto:  
Como trocar para celebrações assim a roupa  
De plantar margaridas no jardim  
Vestes de cores claras, para os gestos da mesa?  
Como acender para os mortos as velas  
Antes guardadas para os dias santos?

Como trazer em baixelas as carnes partidas  
De bichos cujos rosto nunca vimos  
E, às vezes sequer sabemos do que são  
- isto é carneiro? Não, ah! É coelho!?  
Hábitos noturnos, segredos dos lábios e dos genes,  
Maneira simples de fazer o amor  
Medos da noite, do odor da fera.  
Segredos, amigos, impressos no livro da espécie  
Cujo estranho código jamais decifraremos.  
Depois limpamos a boca com o guardanapo  
E comemos empada e compota de laranja.  
O café já não é como antes, mas serve.  
E estirados na cama iludimos a vida  
Com o melhor do sono: o esquecimento

*No trem, entre Paris e Bruxelas  
18 de setembro de 1994*



*Agora, a noite*

Agora é a noite  
e o lampião aceso sobre a mesa  
ofende o escuro, a cor da noite.  
Estendido num banco um corpo dorme.  
se ele é teu, acorda-o.  
Ainda é tempo!

*Gonçalo, o santo*  
(em Portugal)

Aqui São Gonçalo bispo.  
Austero homem de mitra e báculo.  
E ele jaz de alma e túnica  
num túmulo de pedra.  
A mão sobre o peito é escura  
de tanto outras mãos roçarem  
piedosas, à espera de um milagre,  
O santo dorme e sonha.  
E chora de saudade da viola.

*Pretos de Baixo*  
*Quando?*

### *Valença do Minho*

Não perguntes aos astros pelo destino.  
Não voltes o anseio do olhar aos céus  
e nem espere de Aquário a resposta.  
A lenta corrente azul do Minho te dirá.  
Pergunta às águas vindas da Espanha  
sobre os segredos dos sonhos de ontem,  
sobre o que depois da curva o rio e a vida  
espreitam no outono para ti.

Observa depois o cair das folhas secas  
do olmo, da faia e do loureiro.  
Também por um breve instante  
elas desenham no chão astros e constelações.  
Busca no seu desenho sutil o teu destino.  
Que magos de longas túnicas saberiam dizer-te  
o que as cegonhas em seus voos sabem?  
Mais do que nos astros do céu de junho  
olha no chão a marca dos teus passos.  
Ali está escrito o teu destino.

*Pretos de Baixo*

*15 de fevereiro, 1993*

*Tui*

Não tenho de eu nem uma mala.  
Se fui dono de um cavalo já faz tempo  
e esqueço a última vez em que entre os dedos  
machuquei uvas e comi torresmos.  
Recomeço e estou pouco menos do que nu.  
a aragem da noite é quem me cobre  
e sou tão pobre que até nos sonhos  
vou por aí, só, de mãos vazias.  
No entanto um temporal arrancou  
do rancho de taipas o meu telhado.  
Ganhei um céu todo estrelado.

*As duas últimas estrofes estavam escritas em um muro em São Paulo  
Pretos de Baixo  
15 de fevereiro de 1993*

*Spello**Uma pequena igreja românica*

As pedras não formam a abóbada  
E nem no altar há santos.  
Nada é de ouro e nada brilha.  
O silêncio pede rostos arrancados da pedra.  
Houve um tempo em que se sabia  
Que a alma não é o espírito.

*Pretos de Baixo**25 de fevereiro de 1993*

*Nos Alpes*

Havia ovelhas  
Naquele prado alto e a noite  
Escureceu o rosto de uma velha  
Que sentada na varanda  
Tricotava um novelo de lã cinza.  
Ao vê-la tricotar, o tempo passa  
E quais ovelhas pastarão aqui  
Quando a velha tricotar  
Além das nuvens  
O seu novelo de lã, agora branca.

*De noite, quando a lua veio*

Parecia morrer e não morria.  
Com as mãos cobria o rosto e até sorria  
o homem que deitado na calçada  
a um jardim em flor se parecia.  
Deitado de bruços e dormindo  
viajava como quem pela estrada lá se ia  
neste domingo sereno às seis e meia  
quando já é a noite e ainda é dia.  
Sozinho, esse homem solitário  
de repente acorda e abre os olhos  
e sem saber que de longe eu o espio  
era só ele quem na rua poetava  
e festejava a lua que nascia.

*Três pequenos poemas que o acaso cria*

Como quem serena  
E vai embora  
A árvore que vai brotar.  
Quem sabe quando?

Como lençol, alva  
a noite vai  
E apaga a lua.  
Voa uma pomba  
e acorda a rua.

A rã no brejo  
se coaxa.  
A noite apaga  
o facho  
e o dia nasce.



*Dez haicais ao acaso*

Saída do arco  
A seta voava.  
Árduo caminho largo.

Sombra,  
quem te aclara  
quando o dia acaba?

Respira o lago inteiro  
no nariz da rã  
que espia a noite

A ema voa ao vento  
e vai o vento  
no voar da ema.

Quando escurece  
no alto brilha Antares  
e anoitece.

Um leve sopro  
no capim-gordura.  
Maio chegou!

Vinda do sul  
canta na Araucária  
a Galha Azul.

Livre  
é a gora d'água  
quando cai.

De onde veio o vento  
que ventou agora  
e foi embora?

*Pousando*

Inadvertidamente  
como um colibri  
que enfim pousa aqui.

*Em alguma página de inéditos e dispersos,  
De Ana Cristina César*

*Sul de Minas*

Onde é o Sul quando a terra quase acaba  
mas ainda há Sul depois do Sul  
quando as montanhas descem para o vale  
e depois do vale há vale ainda.  
No Sul de Minas o que é plano fica longe  
e depois de um morro sempre há outro morro  
e as estradas aprendem com os passarinhos  
a subir em voos e a descer aos ninhos  
dos lugarejos sem fim do fim do Sul de Minas.  
Vinda das planuras dos seus nortes  
Minas aqui não anda, sobre e desce  
e voa e sonha alto o céu do mar de Minas.

*Arte poética*

Olhar o rio feito de tempo e água  
e recordar que o tempo é um outro rio.  
Saber que perdemos como o rio  
o que os rostos pensam como água.

Sentir que a vigília é o outro sonho  
que sonha não sonhar, e que a morte  
que tanto teme a nossa carne é essa morte  
de cada noite, assim chamada: sono.

Ver em cada dia ou ano um símbolo  
dos dias do homem e de seus anos  
e converter o ultraje de seus tempos  
em uma música, um rumor e um símbolo.

Ver na morte um sono e no ocaso  
um ouro triste, e assim é a poesia  
que é pobre e imortal. E a poesia  
volta como a aurora volta e volta o ocaso.

Às vezes, nas tardes uma casa  
nos olha desde o fundo de um espelho.  
A arte deve ser como esse espelho  
Que nos revela a nossa própria casa.

Contam que Ulisses, cansado de prodígios  
chorou de amor ao divisar sua Ítaca  
de verde eternidade, não de prodígios.  
Verde e humilde, a arte é essa Ítaca

e é também um rio interminável  
que passa e fica e é cristal de um igual  
Heráclito inconstante, que é o mesmo e é outro  
assim como um outro rio interminável.

*Com Jorge Luís Borges*  
*(claro)*

*Borges*

Será (me digo então) que de algum modo  
secreto e suficiente a alma sabe  
que é imortal e que seu vasto e grave  
círculo abarca tudo e tudo pode  
e para além deste afã e deste verso  
me aguarda inesgotável o universo.

*Composición escrita em um ejemplar de la  
Gesta de Beowulf – 225*

*Longe*

Desceu a noite como um rio do Norte  
um lento rio gelado da Galícia  
um rio de mansas águas, rio de almas  
de vidas de aldeia e o tear de seu tecido  
como águas de viagens da vida rio abaixo  
onde as cinzas dos mortos salvam os céus.  
Rio distante e de águas azuladas  
casa de peixes e de deuses, rio de sedas  
rio de falas em, sânscrito, rio da Índia.  
Govinda viaja moço nessas águas  
E voa e voa sobre o corpo azul do rio.  
Mais o milagre é Gandhi. Venham, vejam:  
Ele mergulha as mãos e tira o sal  
Como um dia no mar, um dia antigo  
Quando um gesto criou um povo livre.  
E o sol viaja a Oeste, barqueiro de Sidarta  
e a noite como a virgem vem coberta  
de sete véus de sete cores vivas  
e estende a cama no leito azul do rio.  
Alguém diz três nomes como em prece  
e as estrelas da Índia clareiam de novo  
o corpo de águas e mortos de saudade.  
Monge de abril, o rio abraça a noite  
E alguém atíça o fogo e acende a lua.

*9 de fevereiro (quando?)  
(onde?)*



*o ar de agora*

Sairei hoje cedo pelo campo  
poeta do verde e da chuva  
respirando o ar que a manhã venta.  
Responde o amigo – o do consumo:  
companheiro de vida, não se iluda  
o ar que você respira hoje em dia  
está cheio de estrôncio noventa.

1975

*(achado num caderno de viagem)*

*o milagre do fogo*

parecem coisa tão rara  
essas pedras, no entanto gastas,  
de que o povo da roça  
arranca fogo e fumaça,  
o fogo e sua coivara  
quando ele acende entre os dedos  
um só cigarro de palha,  
quando entre as mãos incendieira  
seu quinhão de hora vaga.

1975

*(achado em um caderno de viagem)*

*caminhar*

Sob os sapatos pretos calcava  
pedaços do chão de pedra.  
Andava, e de andar ordenava  
O mundo por onde ia e ia.  
Caminhava em linha reta  
E no entanto ia sinuoso  
E perdido entre o que pensava:  
perdido entre as suas palavras.  
E caminhando descobriu enfim  
que o chão por onde ia o salvava  
de perder-se nas trilhas de si mesmo  
e no emaranhado de suas teorias.  
Com os pés na terra se livrava  
do embaraço de seus outros gestos.  
Filosofava: “com os meus passos  
desenho sobre o chão o meu caminho  
e se caminho sei: eu ando e existo  
é essa a certeza: viver e caminhar”.

*1975, em Goiás Velha  
(achado em um outro caderno de viagem)*

*o começo do dia*

primícias de mar  
pobres primícias  
de uma pobre manhã  
de vento e sem o sol.  
Uma manhã aqui  
aberta entanto  
na janela do dia  
para o pescador  
de volta ao rancho  
na manhã de maio  
com as mãos vazias  
e o rosto amargo  
e os seus trastes  
de mago e de artesão  
na espera de amanhã  
de um outro dia  
onde haja sol e peixe  
e a alegria.

*na última folha de uma agenda de 1975*

*como a sombra*

Como a sombra eras, como a sombra  
e da noite onde as sombras moram, vinhas  
pois é noite ainda e a lua ausente brilha  
brilha, amiga, ainda na morada da memória.  
E é noite e há apenas noite agora, para que  
brilhe, vinda de ti, esta luz imaginada.

*encontrado na última folha de um livro  
em duas versões e sem maiores indicações*

*Luz*

alguém risca um fósforo  
e acende a vela  
e o bem da noite se acende  
neste gesto.

Alguém fez aqui este milagre  
e um homem triste bebe  
e é triste, encostado  
no vidro da janela.

*na última página de **poesias**, e Eugenio Montale*

*a vida*

tudo valeu, Pablo  
tudo sempre vale:  
uma vida, a tua  
devotada ao amor  
e à palavra.  
Valeu, amigo  
foi como um voo de ave.  
E ela partiu, ela voou  
de tua ilha a uma outra  
onde não sabes  
que mar existe, que povo  
que poemas.  
Resta teu mar e o amor  
o povo e a espera  
e uma palavra que diga:  
“é tempo ainda”.

*na primeira página do últimos poemas (o mar e os sinos)  
de Pablo Neruda*

***ainda, agora***

não obstante tudo  
alguma coisa  
ainda canta em nós.  
Se é Maria ou o mar  
a vida ou o vento  
é bom não saber.  
É bom não perguntar  
e ouvir apenas  
ainda, agora  
enquanto há canto,  
o canto e o seu cantar.

*na última página do mesmo livro,  
e no final este pedaço meu:  
**não faz leitura  
o chão do sentimento.***



*um lugar*

Era uma esquina de três ruas em Copacabana.  
Havia um poste na curva entre as três ruas  
um poste como todos os outros com ferros e fios  
mas ele tinha uma base de cimento ao redor  
e assim, era o único poste que era também um banco  
ali, entre as esquinas de três ruas em Copacabana.  
Havia uma árvore; havia mais e quantas eram?  
Mas uma, mais próxima do poste e da esquina  
derramava um gesto de sombra sobre o banco.  
Alguns pardais estavam sempre ali  
e se eram os mesmos, só eles saberiam.  
E se aninhavam na árvore e justos esperavam  
o por-do-sol para cantarem juntos.  
Eram poucos os carros e até poucos os passantes,  
pois aquela era uma esquina de ruas esquecidas  
mesmo sendo três ruas de Copacabana.  
E assim, o poste, o banco, a árvore e os pardais  
reinavam ali e hoje reinam na lembrança.

*na última folha do antologia poética, de Elizabeth Bishop  
da "Ediciones el Tucan de Virginia".*

*poemas aos pedaços, sem título*

Não fomos os primeiros e nem os últimos  
Outros vieram aqui, eis suas marcas.  
A morte ronda ainda este lugar  
E o nome do morto esquecido não se esquece.  
Ele não é um mártir,  
É um homem como apenas  
E sobre ele soprem as velas, soprem as velas.

*na última folha de um livro de Nelly Sachs*

**Longe, aqui**

Longe. Longe?  
Ô que é longe? Onde é o longe?  
Aqui é longe e um sol de outono  
Na fumaça do canavial incendiado  
Vem olhar o seu rosto noutro rosto.  
E no lugar onde eles se encontram:  
O fogo do céu e o da terra  
Ali eles se dizem: aqui é onde.

*numa página do livro **Prosas**, de Mallarmé*

*Numa estação de trem*

uma blusa branca deixada na estação de Bolonha  
pomba fugidia de paz, caída de alguma bolsa.  
veste de um corpo, vestígio de um gesto  
ou alguma noite de amor interrompida?

*Na folha de rosto de Jimenez – poesie d'amore*

*Trens*

Um trem corta a Espanha  
E outro, e outro ainda.  
E há a névoa e há a brisa  
Da noite e do norte.  
E era a hora de não chegar mais  
E um trem corta a Espanha  
E outro mais  
E outro mais ainda.

*Na contra capa interior do mesmo livro  
Com a data: 11 de fevereiro de 1992*

## *Destinos*

*Revisita a poemas de ESTRAVAGÁRIO, de Pablo Neruda.*

*Eu li este livro e escrevi poemas e fragmentos meus, sobre os de Neruda, ao longo de vôos de avião entre o México DF e Londres em 1982. Depois eu o levei a Manta, no Litoral do Equador, em setembro de 1989.*

*O que é traduzido de Neruda está em itálico.*

## *Um*

Certificados do olho longo e lento  
Inscrições na unha da amêndoa  
E título na erva da manhã.  
Um toco de vela, um de lápis  
uma Rosa dos Ventos, um rosário  
o inventário de nomes em que crer  
um almanaque escrito em língua antiga  
um breviário romano, em livro celta  
e o calendário dos dias de viver.

*Página 8*

*Dois*

Se trata que tanto eu vivi  
Que quero viver outro tanto  
E reviver em quem fui,  
quem em deixei em algum canto.

Nunca vivi sem querer  
Viver de novo e agora.  
Nunca custou tanto a vida  
Entre meus lábios de auroras.

*Página 11*

*Três*

E chega a morte ao calendário  
E de negro tinge o dia e a hora  
E o que foi lonjura em céu de maio  
É o tempo que cabe num agora.  
É o tempo da ceifa e da colheita  
Do que é seiva em nós e nos acolhe  
Sob o teto da casa da memória.

*Página 17*

*Quatro*

A prisão da memória  
Amedronta o poeta  
Entre três e seis horas  
Ele teme o encontro  
Entre o pássaro e o tempo  
Entre a terra e o retorno  
Entre a alma e o animal.  
Ele teme o retorno  
Outra vez, como sempre  
da noite e do vento.

*Página 20*

*Cinco*

Guardo para ti essas noivas selvagens  
Que haverão de tecer a primavera  
E que não conhecem o pranto  
Guardo para a noite que te habita  
Essas luzes de fogo e de agosto  
E murmúrio de um velho bruxo  
Sobre os mistérios do mundo.  
E mais as flores, o mel, o odor dos campanários  
De torres de igrejas onde deus é pombas  
E o sopro dos ventos e o rumo da vida.

*Página 25*

*Seis*

E sou um professor da vida  
E da morte, um estudante  
E se o que eu sei não lhes serve  
Nada eu disse e eu disse tudo.

*Página 31*

*Sete*

Como então fosse ontem e eu, pequeno  
Com a mão direita apontava as estrelas  
E segredava entre os dentes os seus nomes.  
E pensava que o poder de soletra-las  
Me fazia grande e eterno como a noite.  
Um momento, um só momento desses  
Salva o homem da morte e do esquecimento.

*Página 32*

*Oito*

Mais um pouco e não te veremos  
 Lua, irmã, luzeiro da noite escura.  
 Mais alguns minutos de vôo ao norte  
 E irás sumir atrás da última janela.  
 Mais alguns momentos e apenas  
 A tua luz de mil velas de festa de aldeia  
 Haverá de iluminar a asa do avião.  
 Brilha, portanto, como num altar  
 Diante da mulher que ora de joelhos  
 E como tu, irmã, vestida de branco  
 Não sabe mais se crê em um deus  
 Ou se o cria só de estar ali de joelhos  
 Vestida de branco, atenta e acesa.

*No mesmo voo entre o México e Londres, sobre o oceano  
 Na noite de 4 de setembro de 1982.  
 Página 36*

*Nove*

Que eles descubram a aurora  
 Cavando a noite com as duas mãos  
 E aos seus nomes dêem beijos.  
 Que eles aprendam com as aves  
 O calendário do outono  
 E voem como em setembro  
 As folhas secas ao vento.

*Página 39*



*Dez*

Agora, vistos do alto  
Enquanto a manhã amanhece  
Lugares que conheci vagando  
A ponta dos dedos nos mapas.  
Lugares reais como a noite  
Como os silêncios que agosto  
Semeia no coração.  
A península do Labrador  
Os grandes mares do Norte  
ilhas e ilhotas de gelo  
Que os ventos do Ártico sopram  
E depois com força empurram  
Contra os calores do Sul.

*Página 43*

*Onze*

Caminhos, eu os encontro  
Mais me perdendo que achando  
Pois se não me perco, onde  
Posso encontrar-me encontrando  
Caminhos que por perdidos  
Deram em caminhos e encontros.

*Página 50*

*Doze*

Como no Chile, beiras do mar  
Em Punta de Tralca.  
Éramos sérios, salvaríamos o mundo  
E dizíamos as palavras pungentes  
De quem sabe que vai salvar o mundo.  
Mas eu muito me esqueci do que disse  
E do que eu ouvi.  
Mas nunca irei esquecer o canto triste  
O piado marinho daqueles pássaros do Pacífico  
Que eram como anjos cheios de luz  
E voavam como magos sobre as ondas  
E o vento frio do sul.

*Página 52*

*Treze*

Enquanto escrevo estou longe  
E quando eu volto, parti:  
Vou ver se com outras gentes  
Acontece assim como a mim.  
Se eles são tantos como eu sou  
E se comigo parecem.  
Quando eu tenha averiguado  
Vou saber tão bem as coisas  
Que para explicar meus dilemas  
Falarei em Geografia.

*Página 58*

*Catorze*

Com suas duas geografia  
Escritas nas línguas em que falam  
Alguns rapazes do Ceilão  
Davam berros que ninguém ouvia  
Numa esquina em Picadilly Circus.  
Os cartazes que ninguém lia  
Gritavam contra os tiranos  
Que em terras distantes  
Bebiam o vinho, gordos e surdos.  
Morenos homens, baixos e vestidos de terno  
Irmãos do meu silêncio na tarde fria  
Que entre brumas nos acolhe de repente  
E por um instante nos faz cúmplices.  
Porque eram as quatro horas da tarde  
E era frio e ventava e ninguém ouvia.  
Então parei por momentos na beira da calçada  
E num tímido gesto esquivo de estrangeiro  
Quis unir aos seus gritos de guerra  
A um deus, a um povo, a um quem?  
O meu aprisionado grito companheiro.

### *Quinze*

Passou um cachorro e uma monja  
As estrelas de Órion e um vaga-lume  
Uma semana e um ano e um arco-íris.  
Passou o lavrador do oitavo dia  
E uma braçada de rosa e açucenas.  
Passaram as horas de viver ainda  
E mais a soma dos anos esquecidos  
Num calendário deixado na estante  
Do quarto de uma moça cega  
Que não viu nada passar e vive apenas.

*Página 68*

### *Dezesseis*

E onde estás, vou perguntando  
Se os teus olhos desaparecem.  
Quanto tarda! Penso e me ofendo  
Eu me sinto pobre, tonto e triste  
e chegas eras como um brisa  
que sopra e soa sobre os laranjais

*página 94*

*dezessete*

O Douro que ontem subia azul  
 Por serras e aldeias de Portugal  
 Desce hoje verde e verdeja os vales  
 Carregado do calor de setembro.

*Página 108*

*Eu viajava de trem por Portugal indo Lamego  
 E vindo de Lamego.*

*Dezoito*

Houve um sábado no mar do Rio  
 O sol se escondia entre montes  
 E era tarde e era dia ainda.  
 Em um lugar de azul e nuvens  
 Havia nas províncias do céu  
 Dezenas de gaivotas voadoras.  
 Pássaros marinhos da alegria.  
 As pessoas da tarde comiam  
 Porções de pão com cerveja  
 E eram, como os pássaros, felizes.  
 Porque era sábado e a praia  
 Saltimbancava magias  
 Que os meninos com pás de plástico  
 Nos seus baldes recolhiam.

*Página 110*

*Estaria eu já no Rio de Janeiro?*

*Dezenove*

Entre morrer e não morrer  
Me decidi pela viola  
E nessa intensa profissão  
Meu coração não tem tréguas.  
Porque ali. Onde menos me esperam  
Eu chegarei com minha tralha  
para colher o primeiro vinho  
Entre os assombros do outono.

Para dizer às flores de abril  
Que enfim amanhece e a chuva  
Precisa tanto delas como do sol,  
Quanto do canto e do amor.  
Por isso poeta, sigo nesse ofício  
de surpreender a cidade e a vida  
Com goles de vinho e vento.

*Página em branco, final*

*Deixei sem saber se este poema nerudiano e de Pablo Neruda ou meu.*

*De qualquer forma, uma tocante coincidência.*

*Ontem enviei para a editora o meu livro: as flores de abril.*

*Hoje as mesmas palavras aparecem de repente em um poema.*

*Vinte*

E esses barcos, como os velhos  
Vieram assentar na areia  
E já não viajam mais.  
Inclinaram o casco e o mastro  
E usam bengalas e chinelas.  
Foram um dia a viagem

E ao sol esquecem de onde partiram  
E quando aportaram aqui.

*Página 181, do índice final*

*Vinte e um*

Eu te buscarei a quem amar  
Antes de que já não sejas mais um menino.  
Depois te toca abrir com as mãos a caixa  
E comer os teus sentimentos e o pão.

Tenho rainhas encerradas  
Como abelhas em meu domínio  
E, uma por uma, tu bem verás  
Como elas procuram no vento o bem  
E pranteiam na colmeia o mal  
Para se vestirem de maçãs  
Para voarem entre cerejeiras  
Para palpitem na fumaça.  
Guardo para ti essas noivas selvagens

Que haverão de tecer a primavera  
De colher entre as frutas, uma de ouro  
E que por isso não conhecem o pranto.

No relógio do campanário  
Esconde-te enquanto desfilam  
As iluminuras do amaranto  
Entre as últimas filhas da neve,  
As perdedoras, as vitoriosas,  
As coroadas de amarelo,  
As infinitamente obscuras  
E algumas, ternas, pausadas  
Farão o seu baile transparente  
Enquanto outras ardendo passam  
Fugazes, como meteoros de luz  
De uma luz que se acende sem fogo  
Ao rumo de um gesto, um aceno.  
Dize-me, qual desejas já, agora  
Meio tarde seria tarde demais.  
Pois hoje acreditas no que te digo  
E amanhã negarás até esta luz.

Hoje sou eu quem fabrica sonhos  
E na minha casa de pluma e de pedra  
Com uma faca e mais um relógio  
Conto eu as nuvens e as ondas  
Com o que sei de geometria  
E faço crescerem seres sem rumo  
Que ainda irão nascer um dia.  
O que eu quero é que te queiram  
E que não reconheças a morte.

*nas páginas em branco finais do livro*



*vinte e dois*

Com nuvens e crepúsculos  
Estrelas, marés e centauros  
Corrijo todos os dias  
A minha rosa-dos-ventos.  
Com os objetos da vida  
Conselhos, mitos e sonhos  
Panelas e veleiros, panos  
Todas as noites revejo  
Os mapas de meus enganos.

*na última (agora sim) página do livro em branco*

**vinte e três***revisão do mesmo poema, na mesma página*

Cansaços, vigílias, sonhos  
 Panelas, pães e veleiros,  
 Todas as noites revejo  
 Os mapas de meus inventos.  
 Marinheiro aprendiz, reaprendo  
 O pulso que freme abaixo  
 Da arquitetura dos mares.  
 Faz tempo deixei ao leme  
 O poder de achar seus rumos  
 No itinerário dos ventos.  
 Não sei que dia de agosto  
 Me faz esquecer pra sempre  
 Que a morte é só o convívio  
 Do viajante com o porto.

*Sem indicação de data, mas na página 175 de  
**O estravagário**, e que é a página final do  
 Último poema de Neruda, está escrito a mão  
 O seguinte: chegando a Recife, madrugada de  
 14 de setembro de 82.*

*Chegando de Lisboa. Pois no desenho de rumos  
 Que fiz com a mesma caneta na contra-capas do  
 Livro, estão assinalados: Campinas/São Paulo/Rio/México/  
 Inglaterra (e setas indicando três cidades)/Portugal.  
 E, em Portugal: Lisboa/Porto/Lamego/Alba da Foz  
 (houve mesmo uma esquecida cidade com este tão lindo  
 nome: Alba da Foz?*

*Acabado de ser revisto e transcrito na manhã de  
 Dias de muita chuva, na Rosa dos Ventos, em  
 Seis de janeiro de 2005, aniversário de André e  
 Festa de Santos Reis.*

### ***Degredo***

Estavam ali os objetos amorosos da noite: um óculos quebrado, um marcador de livros sem o livro, uma faca sem corte, um calendário de mil novecentos e quarenta, uma caneta vazia, uma régua até o número sete, um lápis sem a ponta. Estavam ali sobre a mesa, sobre o vidro da mesa e o fosco vidro escuro da memória. Estavam ali, como as asas sem uso de uma gaivota galega morta de manhã, nas areias de uma praia deserta, de tanto voar sob as estrelas de maio em busca das terras do sul, em busca de flores e de esmeraldas. Estavam ali, como quem diz novenas depois da missa, usados e esquecidos e, no entanto, atentos. Generosos, como foram antes, quando eram novos e luziam nas estantes da sala. Não serviam a mais nada, pois o tempo passara e nem eram mais os anos quarenta. E como eram inúteis, eram também um totem e mediam o tempo melhor do que o relógio na parede. Eram banais e aos olhos dos donos nem valiam mais nada, mas eram sagrados como outrora a palavra om. Eram como um silêncio e eram como o prenúncio do poder dos deuses e do amor que vive ainda entre os dançarinos, os saltimbancos e os meninos.

*Entre Assisi e Milão, no trem  
Em algum dia de 1986*

*nós*

O trabalho do bicho-homem  
é carregar nas costas a colheita de ontem.  
É levar para outros o que caçou com outros.  
Outros bichos catam, caçam e comem agora.  
Só o homem semeia sempre para depois.  
Os bichos são a espera.  
O homem, a esperança.  
O que nunca se sabe  
é o que existe além das palavras.  
E quando há em algum lugar  
um grande silêncio  
é porque um grande mistério  
ali se revelou.

*as flores-nós*

Só as rosas nos salvam do abismo.  
Só as violetas nos fazem saber  
que não sendo uma delas,  
somos quem pode vê-las  
sentir o seu aroma  
sabê-las... e amá-las.

*Restou...*

Restou de toda a noite, amiga  
apenas este resto de poeira  
No entanto, luzindo com a luz  
de uma estrela lá no céu  
esquecida de apagar  
e ainda agora, brilhando  
aqui... inteira.

*Quando?*

Vindo eu pela noite  
como o vento  
trago na trouxa da sacola  
o resto do sopro de meu corpo  
e o lado direito da minha alma.

Trago o segredo da semente  
onde a vida se acha e se semeia  
e floresce como a flor  
antes da flor.

Não sei o que se sonha  
quando se acorda  
E, assim, nada esqueci  
do que não sei.  
E não sei se chamo sentimento  
isso que sinto e agora  
e, como eu,  
vem de longe  
e, como a vida,  
passa com o vento.

*Velhos, os vaporzeiros*

vestidos de cinza cor da cinza  
vigiam as águas que navegam  
das montanhas altas de Minas  
aos campos lentos dos Gerais  
à espera de um apito ao longe  
do vapor que vinha...  
e não vem mais.



*Deste meio alqueire*

O mesmo sol que seca a terra  
molha de água e sal as minhas costas  
enquanto a enxada escreve a minha obra  
na página em branco deste meio alqueire.  
Curvado sobre a terra eu abro o sulco.  
Semeio o grão. Semeio a vida.  
E a vida que colho é a minha sobra.

*Quem?*

Quem viveu  
que valha dizer:  
“fui uma história!”  
Quem lembra quem foi  
Que valha a um outro  
escrever um poema  
um memorando  
um álbum de imagens  
ou um livro de memórias  
com retratos?  
Entre Júlio César e o Buda,  
ninguém. Nada!  
Toda a vida vivida  
Vale o olvido.  
Toda a memória que vale  
É coletiva:  
Uma gente, um povo.  
Só ela cria a história.  
Só ele faz do velho,  
o novo.

*nada*

Nem uma escolha ficou.  
Não ficou nada.  
E nem uma palavra,  
como "alma", ou como "água",  
que não rima com escolha.  
E não rima com nada.

*Um haicai e um poemeto*

*o haicai*

clareia  
todo chão da noite  
o luar da lua cheia.

*o poemeto*

agora não há sombras,  
não ainda.  
o que sombreia a noite  
quando a noite  
é vinda?

*beira rio*

Minha alma, meu silêncio  
caminhas agora na beira de um rio verde  
e vou contigo e te guio, passo a passo  
e choveu e ventou e agora há Sol  
e juntos estamos inteiros, e se somos  
é este caminho quem nos diz que somos.

***Borges***

Lendo-o penso: o melhor  
De mim é Borges.  
E como no espelho bem quisera  
Que, vendo-o, cego no final da vida que viveu  
Os meus olhos a ele eu desse  
Como a luz dos meus ele me deu.

*Escrito na ultima folha de Obra Poética de Jorge Luiz Borges  
Livro comprado em Cambridge, em 13 de fevereiro de 1989. Lido em viagem  
a Liverpool, quando pensei traduzir toda a poesia dele (o que não fiz) e  
relido em 1992, entre Brión, Santiago de Compostela, Campinas, Goiânia e  
outros lugares. “Depois de 21 de dezembro de 1992”*

*Poemas e fragmentos escritos em um livro em espanhol  
com poemas de Pablo Neruda*

*Primeiro*

Alguma coisa de uma fuga imensa  
Que não se vai e que arranha dentro  
Algo que casa as palavras, que fundos poços  
E algo que contra tudo se lança e contra todos  
Como à noite fazem os prisioneiros  
Contra o terror sem fim dos calabouços

*Campinas/Rio a caminho de Roma em 10 de dezembro de 1985*

*Segundo*

E estavam os objetos da noite  
pregados no vidro da janela  
como a lenta memória  
das asas de gaivotas azuis  
mortas em alto mar, longe da terra  
em busca da flor das esmeraldas  
e os sorrisos dos desaparecidos  
na bruma da manhã.  
Na densa nuvem úmida da amanhã  
Onde nascem, todos os dias nascem:  
Bailarinas, mágico e mortos.

*Milano/Assisi, 20 de dezembro de 1985*

*Terceiro*

Aqui, neste lugar chamado cerrado,  
Sertão, onde o ilimitado espia o próprio aço  
e de seu corte não reconhece onde termina,  
aqui onde o cor de mil pássaros  
não roça ainda o mapa de Minas,  
O território marinho entre os monte  
Onde qualquer caminho é princípio e fim de si mesmo,  
Porque nada parte e nada chega:  
Goíás, o infinito vagar entre os dias sem horas  
E as noites sem fronteiras.

*Quarto*

E então, noite fria,  
Quando imenso rouba do céu  
O rosto e o nome das estrelas  
Com que se orientam os poetas  
Então ,eu te dizia sem desamparo  
Que esta toca de flores e de ruínas  
Nasceu assim nos adros de minha alma.

*Nápoles/Roma, 29 de dezembro, chegando para partir.*



?

Sairei hoje cedo pelo campo  
poeta do verde e da chuva  
respirando o ar que a manhã venta.  
Responde o amigo – o do consumo:  
companheiro de vida, não se iluda  
o ar que você respira hoje em dia  
está cheio de estrôncio noventa.

1975

*(achado num caderno de viagem)*

*o milagre do fogo*

parecem coisa tão rara  
essas pedras, no entanto gastas,  
de que o povo da roça  
arranca fogo e fumaça,  
o fogo e sua coivara  
quando ele acende entre os dedos  
um só cigarro de palha,  
quando entre as mãos incendieia  
seu quinhão de hora vaga.

1975

*(achado em um caderno de viagem)*

*caminhar*

Sob os sapatos pretos calcava  
pedaços do chão de pedra.  
Andava, e de andar ordenava  
o mundo por onde ia E vagava.  
Caminhava em linha reta  
e no entanto ia sinuoso.

E perdido entre o que pensava:  
perdido entre as suas palavras.  
E caminhando descobriu enfim  
que o chão por onde ia é o que o salvava  
de perder-se nas trilhas de si mesmo  
e no emaranhado de suas teorias.  
Com os pés na terra se livrava  
do embaraço de seus outros gestos e manias.  
Filosofava: “com os meus passos  
desenho sobre o chão o meu caminho  
e se caminho sei: eu ando e existo  
é essa a certeza: viver e caminhar”.

*1975, em Goiás Velha  
(achado em um outro caderno de viagem)*

*ainda, agora*

não obstante tudo  
alguma coisa  
ainda canta em nós.  
Se é Maria ou o mar  
a vida ou o vento  
é bom não saber.  
É bom não perguntar  
e ouvir apenas  
ainda, agora  
enquanto há canto,  
o canto e o seu cantar.

*na última página do mesmo livro,  
e no final este pedaço meu:  
não faz leitura  
o chão do sentimento.*

*Lenda*

Que essa moça, virgem  
E de pele entre o ocre e o açafão  
Não coloque as duas mãos nos seios.  
Isto ela faz a manhã quando o dia nasce  
E é cedo. Não é cedo ainda.  
Que à tarde ela não escorra a água dos cabelos  
Sem antes ouvir dos velhos que já é tempo.  
Quando ela faz assim o sol do dia anoitece  
E a noite vem mais cedo, e é cedo ainda.  
Que a dança da mãe lhe seja agora proibida  
E que ela não pinte de azul a pele escura  
E nem na cabeça coloque penas brancas.  
Tudo isso apressa a primavera e é cedo agora.  
O sete-estrela e o caçador ainda não se avistam  
Ao pôr-do-sol e nem é a lua cheia de outubro.  
Por isso, que ela não adoce o pão com mel,  
Sinal dado às almas que retornem  
A esses rios de águas frias. A essas terras.

*voo Bogotá-México, 7 de outubro de 1999, em uma folha solta dentro de El Bosque Transparente, de Angel Crespo*

*Vir*

Não vim de onde eu vim.  
Eu vinha vindo  
sem sentir e sem saber que vim.  
Cheguei acaso? De onde? Quando?  
E quando olhei ao redor  
vi que já não estava mais ali.  
E quando achei que chegava  
olhei em volta e descobri  
que estava agora antes  
do lugar de onde eu saí.

*Montes Claros*  
*Novembro de 2008*

*ele*

Tudo é nunca! Ele gritou  
com a alta voz que aqui ninguém ouviu  
e uma imagem de ocre que se via e não havia.  
Como um espelho em que se olha  
E vê o espelho sem o rosto  
de quem nele se olhava e não se via.  
E eu que escutei e não ouvia  
perguntei a não sei quem:  
o que ele disse? Ele disse?  
E então ele me falou  
(ou eu pensei que ele me disse):  
não disse nada, eu nada disse  
e se tudo é nunca e nunca é nada  
quem você pensa que disse o que não disse,  
não disse nada. Não disse e não existe!

*Quem?*

Quem é hoje?  
perguntou um tempo... antes.  
Nada é agora! Ele falou  
Ninguém é sempre!  
O mundo é pouco  
e o já não há!  
Gritou o tempo e disse ainda:  
E se houve um já é sempre antes  
o que apenas parece ser agora!  
E só se sonha o que já foi  
e o amanhã, que não existe,  
é só a nuvem da sombra  
do dia de anteontem!



*Quem?*  
(*de novo*)

Mas antes de ser hora  
o depois veio de longe  
e como que ainda nem chegou  
ele parou e disse assim:  
nada foi e nem é!

(escutem isto)

O agora e o ontem são só sonho.  
Você acorda e o que há do que havia  
enquanto um sonho em você adormecia  
e sonhava que você acontecia.

Existe é o que não há e vai ser quando  
chegar enfim o tempo em que eu sou:  
um sempre adiante!

Existe o que se espera... como a festa  
e o resto é fumaça de miragem:  
como o espelho sem o rosto de quem olha  
a imagem do corpo de que veio  
e a espera de quem vem e ainda não é,  
e olha adiante e acha que existiu  
e olha adiante para, então,  
achar que foi!

*já*

Tudo é agora!  
Bradou (agora) um já.  
E mesmo o que eu disse já não há!  
Pois dito, já se foi e foi-se embora  
pra algum lugar longe  
onde é só cinza o que um dia  
foi madeira... agora.  
Nem há o que vem, o logo, o amanhã,  
a ilusão do que virá e não demora.  
Mas se ainda não veio, não existe  
e quem disse isto, existe acaso  
e nem existe quem dirá o que não disse.  
Pois há somente o instante do segundo  
entre o que foi, e era e se acabou,  
(e já era a hora)  
e o que será e não é, e nunca é  
pois quando chega... já é agora  
e quando passa o agora, já não era  
Ele disse, sabendo que nem ele existe.

*Quando, uma hora*

Há uma hora  
Sem nome e sem medida  
Em que tudo o que se fala  
Silencia.  
É quando o rio para de correr  
E de dentro da casa do silêncio  
Uma criança brinca de dizer: *já!*  
E então o que nem era,  
agora principia

*vindo, de onde?*

Lá de onde um dia eu vim  
já não era então lugar algum.  
Se era, como é que fora  
um não-lugar sem começo  
e sem meio e nem sem fim.  
De onde eu vim não há nada  
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo  
eu vim do que não existe?  
E já que eu cheguei aqui  
(mas será que o aqui existe?)  
eu paro e pergunto assim:  
de onde eu venho se eu não fui?  
E quem sou eu que vim de lá  
e cheguei sem saber de onde  
e sem lembrar nada de mim?

*Caminho?*

Eu caminhava um caminho  
que ia ao lado de um rio,  
E quando foi de repente  
virei uma curva, duas...  
e vi que o caminho sumiu  
porque o rio que havia ao lado  
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes  
e quando vi o que via  
vi que o rio se terminava,  
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco  
ao lado de onde eu andei  
havia um eu que pensava:  
havia mesmo um caminho?  
havia ao seu lado um rio?  
Ou será que nada havia?  
O rio que era, era um sonho,  
o caminho nunca houve  
e nem quem andava existiu?

*sobraram horas*

Sobraram horas, esperei por dias.  
Luas de setembro, um sol de serra.  
Cavalo que eu não tinha, selei embora  
e viajei sertões, acendi fogos.  
Do que as estrelas dizem aprendi pouco  
e sobrei de ser quem fora outrora.

Grandes foram os teus dias?  
Grandes as horas? Longas  
e como um barco ao vento, navegas?  
Do que passou resta este livro  
por mesmo ti esquecido na estante  
a roer-se de dor até estar branco.  
Do que dele se apaga ao fim da noite  
uma palavra sobra, e se não sabes,  
quase ilegível ainda se lê: aurora.

*e este vento que abençoa o que houve aqui*

De olhar a noite eu vi que vem de ti  
este orvalho, esta espera da manhã,  
o sussurro de águas serenadas pela noite  
e este vento que abençoa o que houve aqui.  
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro  
com que te digo o que guardei nas mãos  
que em teu corpo tocaram chão sagrado.  
Este pequeno exercício de saber de nada  
que é até onde chega quem depois de agora  
vê que viajou do sono ao som do sonho  
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.

*Deixai-me voltar para casa*

Deixai-me voltar para casa.  
 Deixai-me voltar para a minha casa.  
 Já andei por todos os caminhos  
 Que um dia me foram destinados.  
 De muitas fontes de água eu bebi a água  
 E bebi com outros o vinho de infinitos gestos.  
 Fiz amigos em tantas línguas  
 E em quantas camas despejei o corpo  
 E entre o sono e o silêncio adormeci.  
 Agora anseio apenas pelo caminho da volta.  
 Entre todos os que eu percorri  
 Este caminho é o mais fácil e mais distante  
 Porque ele vai de onde eu fui  
 Até o lugar sem nome de onde eu vim.  
 Não me lembro de onde vim  
 Mas é este o lugar para onde sonho  
 Da direção dos passos e dos cantos  
 Que ainda sei cantar quando caminho.  
 E assim quero voltar à minha casa  
 Até quando chegue a hora de partir de novo  
 Da viagem ao lugar da última casa.

*Extrema, no sul de Minas Gerais*  
 21 de outubro de 1991  
 (escrito e com data na contra-capá de um livro de poesia  
 de Anna Akhmátova)  
 com este fragmento na última página:

*Talvez não seja*  
*Mais o tempo dos corpos*  
*Pois o outono deles*  
*É a primavera do espírito.*



*Desejos*

Quisera tocar-te agora  
E se a isto um nome é digno,  
Que ele seja: água ou algo assim.  
Roçar com os dedos a alma de teu corpo  
Como quem navega e chega ao porto  
E descobre nela a sua casa  
E os quadros na parede, o filtro, a porta  
E o quintal, a lareira e o jardim.

*Algumas velhas, alguns fios*

Era o tempo do ouro. Era novembro.  
Algumas folhas secas o vento esparramava  
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.  
De onde vinha a noite algumas velhas  
à luz da vela uma toalha entreteciam.  
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,  
e os olhos pequenos o que eles viam?  
As bocas sem dentes mal sorriam,  
e se elas se olhavam, não falavam  
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava  
o que não sei se é pranto, salmodia,  
ou fim de festa, baile ou batizado  
entre pão de mel, tapioca e vinho tinto  
que na dispensa guardavam e não bebiam.  
Mas era delas que os traços do bordado  
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha  
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

*inventos sobre ventos e outros eventos**sobre ventos\****Um**

Ficam as pedras velhas  
(demoram mais do que nós)  
Mas um dia elas se moem  
e dispersam em poeira  
o que antes foi sólido como madeira.  
E é quando, sendo o pó,  
como as aves, com nós,  
elas voam ao vento.

**Dois**

No vento a poeira voa  
E o vento se vê no vôo do pó.  
Poeiras ao vento, as mil estrelas  
Que o sol doura na manhã de maio  
Saídas de uma pedra só.

**Três**

venta sobre o lago  
a brisa do que resta.  
E o que era sono  
agora é festa.

**Quatro**

Move o vento  
as asas do moinho.  
E é nas suas asas,  
se movendo  
que se vê o vento  
e o seu caminho.

**Cinco**

Imóvel a floresta adormece  
e acorda quando o vento vem  
e roça o que era imóvel e se move.  
E o que era pedra  
agora é vento... também.

**Seis**

A lua,  
quando passa de nova  
a crescente,  
quem é que vê?  
Quem é que sente?

**Sete**

Traça um caranguejo  
uma fina linha pela areia.  
Virá a onda  
e levará ao mar o caranguejo  
e apagará o fio de sua linha  
antes do nascer da lua cheia.

**Oito**

Choveu ontem  
sobre a folha verde  
e a folha seca.  
A água apressa a cor da seca  
na folha verde  
e o tom da terra  
na folha seca.

**Nove**

Venta o vento  
nas folhas da figueira  
e, ao movê-las  
ele se vê em seu espelho.

**Dez**

Cai do alto a jaca  
dos galhos da jaqueira.  
No chão, banquete de moscas  
Formigas e borboletas.

*\* Será que este tanto escrever sobre o vento tem as suas origens nos relatos de minha mãe e minha avó sobre os terríveis e gelados ventos sobre as areias – entre a Lagoa do Mar e o Oceano Atlântico – na pequena Vila de São José do Norte, no quase extremo Sul do Brasil? Ou será que ele me vêm da saudade dos ventos entre trilhas e pedras de montanhas por onde andei?)*

*Lá no céu tem outra Estrela*

Cantador de ipês  
e céus de estrelas,  
de candindés azuis  
e amarelos.  
Saltimbanco  
do amor e da aventura.  
Andarilho de estradas  
sem destino.

O que era dor  
curava com doçura.  
O que era flor  
deixava colorida.  
Gargalhava pra ouvir  
a voz da vida,  
E viveu entre o poeta  
e a travessura,  
poetando  
com palavras de profeta,  
e cantando  
com alma de menino.

Lá se foi como quem  
chegou agora.  
Colocou o que tinha  
na sacola:  
um violão, um sorriso  
e uma viola,  
um tanto de saudade  
e de alegria.  
E como quem viaja  
pra de onde veio um dia  
viajou, partiu  
e foi-se embora.

Mas se você olhar  
pro céu de agora  
como quem busca  
com a alma as estrelas  
e a cada uma  
sabe dar um nome,  
há de ver que entre  
os segredos vegetais  
que habitam o que passa  
e o que perdura  
e que ele cantando  
decifrava com voz,  
silêncio e violão,  
se você parar e olhar  
o céu pra vê-las  
com o gesto  
sereno da ternura,  
com o rosto de quem vê  
com o coração,  
e com a beleza que habita  
a vida e a arte,  
há de ver que entre  
todas que há no céu  
clareando as noites do sertão,  
uma delas se chama:  
Dércio Marques.



*O canto, o cantar*  
*Para titane, em Oliveira*

Se a aventura de abril  
me abre a voz e alma  
eu calo, e canto.  
Viver é bom e é risco  
e eu canto é isso.

Sei de um manso vento  
voando o manto do telhado  
da casa que não tenho e invento.  
e entre maio e o medo  
é este o meu segredo.

Havia em Minas um lugar  
chamado acaso, e com a mão  
eu colho o que dele  
é vida, enfim.  
E nela eu toco minha viola  
e a voz da vida afino,  
e entre lá, o mi e o só  
acendo o sol em mim.  
Pois um dia um negro  
me contou em Oliveira:  
“cantar é isso, e é assim”.

E nem bem o sol  
se afina e esconde  
atrás do escuro, mineira  
e astuta eu paro e escuto:  
tudo é então, e encanta cantar,  
e eu em solo me decifro  
e me deslumbro de ser  
e até o sal é doce  
e o assombro é só  
o repente do silêncio  
depois que a gente canta  
e sente o voar do antes.  
E quem quiser partir  
que me acompanhe.

Nem mel e nem triste  
nem só, nem tanto  
sou Ana Iris, sou Titane.  
Sou quem sonhei  
quando era sempre.  
O som do canto que revive  
a coragem de ser ainda  
entre a mulher e o espanto.

*Escrito em Belo Horizonte  
em algum dia de 1987.  
Revisto na Rosa dos Ventos  
no finzinho de 2015 – 28 anos depois*

*O de repente*  
*versão breve*

*para Josino do Norte*

O improviso do repente  
em que eu me invento  
improvisa eu mesmo, de repente.  
E a melodia de mim, minha viola  
me toca com os dedos que são meus.  
E a toada toda se enovela  
e me entoa, e me entretece e me evola  
e entre dedos e cordas nos tocamos  
como se cantam a folha seca, o ar e o vento,  
ou como o barco que se asteia a sua vela  
e navega num rio que se navega.  
E espera o dia a noite e a noite o dia  
até quando na hora entre uma e outro  
se termina e acaba o que começa  
e foi caminho? foi canção ou poesia  
ou o silêncio com que sonho os sonhos meus?  
E onde e quando? e se foi era então o que?  
E quem não sabe (e sabe que não sabe)  
guarda a viola no saco e vai embora  
e da curva da estrada grita: “adeus!”

## *A solidão*

Como a semente germina a solidão.  
Seu lugar é a terra. Brota do chão  
e como a água, depois do que foi chuva  
em silêncio chega ao corpo do só.  
Vinda do chão ela entra pelos pés  
e através do sangue chega à alma.  
Não é no sono que vige a solidão.  
O sono é de sonhos povoado  
como um teatro vivo atrás dos olhos.  
Na vigília ela existe, no estar aceso  
de seu próprio fogo sem ruído, sem fagulhas.

A solidão caminha, ela se move.  
Leva a praias desertas, a montanhas  
Onde nem cabras habitam e nem deuses,  
e comparte com a morte a dor da vida.  
Uma ilha no mar é estar sozinho  
sem ninguém mais, sequer um cão  
E, no entanto, o amoroso faroleiro  
antes que venha a noite, todo o dia  
sobe as escadas e acende no alto a luz.

*POEMAS ENTRE O BRASIL E A ITÁLIA*

**E tudo agora é como antes**

Não era ainda a hora de.  
Alguns flores de março são botões  
e são larva entre folhas verdes  
o que adiante serão borboletas  
que um dia, antes das chuvas , com suas asas  
de vento e seda, entre as flores voarão.

Não era a hora e tudo é a espera  
e a espera é a sobra do instante  
e o que não foi feito é o que se fez.  
Tudo parece imóvel como a onda  
que não sabe que morre quando chega à praia  
e o que resta dela volta ao mar.  
Mas é isto! E o que sobra de uma onda  
é o que faz a outra onda e outra ainda  
e é o que havendo entre uma onda e outra  
é o próprio mar.

*Campinas/Bassano del Grappa*

*Diante do Aconcagua*

Os óculos escuros escondem os olhos  
 e, verdes, como no chão a relva rala  
 eles se voltam à máquina e dão as costas ao Aconcagua.  
 E o frio, e o vento e o desmazelo dos cabelos  
 que esvoaçam e o sol dos Andes doura cor de ouro.

No entanto sou eu. Minha camisa velha atesta:  
 “é ele quem está aqui!”  
 Sonhador de montanhas nunca havidas  
 as pernas trôpegas não escalam mais  
 e só o ardor da lembrança é a aventura.  
 Calçados de botas e desalento  
 os passos lentos desenham pelo chão de areia  
 um mapa de lugar alguém que o vento apaga.  
 E a memória, como um rio, esquece e guarda  
 tudo o que se move foi, e passa... e dura.

*Campinas/Bassano del Grappa*

*Lembrança de um dia no Parque Nacional del Aconcágua*

*Entre o Chile e a Argentina*

*Paulo Freire*

A barba branca aveluda  
a pausada fala mansa  
de quem escuta e então fala  
o que de um outro ele ouvia  
quando, ensinando, aprendia.

E os gestos das duas mãos  
tão largos como na festa  
volteia quem fantasia,  
como bandeira de guia,  
seus largos gestos de mão  
chamavam pra rua e a luta  
quem sua fala calava.  
Quem a coragem perdia.  
Quem suas mãos abaixava.  
Quem seu chamado esquecia!

*Um homem que pesquisava o povo*

Trôpego e algo gordo, já velho  
andante de sandália e poncho  
ele varava de sandália a pé os Andes.  
Não colhia coca e nem cebolas.  
Ia sozinho de um *ayllu* a outro  
em busca de uma nota:  
um si, um la, um dó  
da dor do povo andino  
transformada entanto  
em conto, uma lenda, um canto.

Nunca soube o seu nome  
um boliviano que colhia rostos,  
gestos, versos, mitos e memórias,  
uma frase esquecida atrás da porta.  
Como chamá-lo mestre?  
com que nome?  
Se é que a um homem assim  
um nome importa.



*Dom Tomás*

O sorriso amplo, quase profano  
traí no rosto do homem que entanto é bispo  
e esconde no hábito negro do ofício  
um alguém vestido como se pra festa ou a luta.  
A cabeça brilha como a se uma luz  
calma em um lago do Araguaia em paz  
pousasse ali no começo da manhã de março  
e os cabelos, ralos, são dois leves maços  
de um trigo entre o grãos e a flor dourada.  
Sorri manso como quem consagra à mesa.  
ao redor do café e um pão de queijo  
o corpo e o sangue de um Cristo que apregoa  
entre palavras de cruz, enxada e foice.

*A velha em Goiás*

Cantava como quem sabe que hoje é o dia.  
Como quem na dança esquece o passo  
e entanto bailava como quem soletra  
um alfabeto entre o lá o fá e o si.  
Tinha na cabeça um lenço, ele era branco,  
e os cabelos escondia como um manto.  
Tropeçava nos seus passos e então voava  
e ao vento ia e lá do alto de longe ela acenava.  
E quando sumiu no céu diziam: “era um anjo!”  
E era só uma velha que bailava, e se esquecia.

*Nos Alpes*

Entre o gelo do chão  
cresce uma flor.  
Onde não há gelo  
o chão é verde  
E há uma flor.  
Azul, o céu copia  
o tom azul sua flor.  
Um pinheiro em maio  
acolhe um corvo  
e o corvo come um fruto.  
Se a noite chega e a lua,  
senta viajante,  
e acolhe a noite  
como a flor e o corvo.

*Quando?*

O agora espera  
Quando a sua hora?  
Quando a espera  
aspira ser passado?  
Quando o que passa  
espera ser presente?  
Quando o que foi  
anseia ser de novo?  
Quando o que é novo  
aspira ser o antes?  
E quando o antes  
foi nunca... e foi embora?

*A moça, as mãos*

Afagava com as mãos  
a mão de um outro  
e com os olhos  
olhava um outro rosto.  
Havia ali o afago,  
o acaso ou a dor?  
Eram toques de nada,  
um beijo, o breve  
roçar com os lábios  
a alma ou o corpo  
e entre silêncios dizer  
duas palavras como:  
“água” ou “amor.”

*Na noite, um bacurau*

A alma se esconde atrás da árvore  
e no chão semeia o açafão.  
Um menino empina um papagaio  
E foi por isso que ventava então.  
Há no vento um certo ar de antes  
e quem voa em abril não são os pássaros  
e nem são folha. Voa o papagaio  
e mais sete palavras de uma prece  
silenciadas na capela de São João.  
Uma igreja de pedras, restaurada  
entre restos de velas e de óleos,  
e de santos cujo rosto o tempo apaga  
enquanto fora a tarde anoitecia.  
O papagaio numa árvore se aquietava  
O menino não sabia se chorava  
e um bacurau piava e outro calava  
e o já era a noite anoitecia  
enquanto a noite o dia anunciava.

### *A água e a terra*

Separa no viver  
 a água e a terra.  
 Uma é a que guarda  
 a vida que te resta.  
 Outra é para onde vais  
 quanto ela já não bebe  
 a vida que há na água,  
 e seca ela se esvai  
 e, areia, ela te esquece.

### *Agora aqui acabam as escolhas*

Por um instante pra na trilha. Para.  
 E antes de entrar floresta adentro  
 aprende que o sol claro da manhã de outono  
 será ralo agora no chão de sombras.  
 Por aí entras como quem sabe  
 Em que estranha paragem se mergulha.  
 Pisas a terra, folhas secas e gravetos  
 E quando em abril, algumas flores de paineira  
 caídas do alto antes das painas brancas.  
 Para quem vem de um campo aberto  
 a floresta seja como a catedral.  
 Tira o chapéu, pisa leve e a passo lento  
 pois aqui se acabam as escolhas.  
 Como na nave tens uma trilha só  
 e fora dela o que te espera. Sabes?  
 E entanto, que caminhaes, navegante  
 como quem, sem saber onde é o porto  
 escolhe um rumo, e vai.

### *Campinas/Bassano del Grappa*

*A mata, a trilha*

Um graveto, alguns seixos, folhas secas de junho  
e no alto um ninho. De que pássaro?  
Um Sabiá? Uma Saíra?  
Este é o caminho, perguntas ao vento  
e à volta olhas como quem indaga o rumo  
a paus e a pedras e não, no alto, às estrelas.  
A noite cai e temes o silêncio  
e o Cruzeiro do Sul a nuvem cobre  
mas não o canto do Urutau à Lua.  
Temes a noite e o vento sentes passando a mão no rosto.  
Ele te roça antes de mover moinhos.  
A noite chega. Parte! É cedo ainda.  
E, Quixote sem Sancho, vais sozinho.

*Campinas/Bassano del Grappa*

*Na margem esquerda do São Francisco*

Apenas rotas, duas cruzes de madeira  
tortas, e que uma outra enchente há de levar  
dizem a quem chega a estas margens  
de um rio agora calma em julho e quase azul  
que aqui há mortos, barranqueiros.

Não há lápides, degraus de cimento ou nomes  
e os que lembram os daqui também se foram.  
E agora, quem passa por aqui  
a caminho do rio, da canoa ou da ilha  
Lembra os nomes de árvores, de barcos, de destinos  
E pisa um chão aonde um morto dorme.

*Voo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa  
Lembranças de Barra do Pacui*



*O vento, a casa*

Primeiro passou em tua casa  
Este vento que agora vai e varre  
a lombada do morro e o capim gordura.  
Florido em março ele balança, e a dança  
do vento abençoa o que embala  
bailarino entre a noite e esta manhã  
De tua casa o vento trouxe aqui  
um certo odor de café, de menta ,de hortelã.  
E para um momento, e atento escuta  
O passar do vento que te ensina  
que como o vento a vida é tudo, menos vã.

*Campinas/Bassano del Grappa*

*Lá, aqui*

Havia um vento.  
E ele ventava “lá”,  
Longe daqui.  
Mas o vento  
que ventava  
ventava “aqui”  
pra quem está “lá”.

A noite inteira  
ventou o vento  
que ventava “lá”,  
longe daqui.  
Mas veio o dia  
e o vento  
que ventava “lá”  
veio de lá  
e venta aqui.

Mas alguém “lá”  
onde ventou o vento  
agora pensa:  
*está ventando lá*  
*o vento que ventava*  
*aqui!*

*Campinas/Balssano di Grappa*

*Agora seca, ainda jorrasse*

Era ontem. E era como se a fonte  
agora seca, ainda jorrasse  
a sua água cor de nuvem, cor de prata.  
E fresca, como se saindo agora  
Do coração da terra adormecida.  
Seca a fonte deixou entre os teus dedos  
esta aragem de maio, arte de ocasos  
que o vento seca entre os teus dedos.  
Pensa agora em quem fecha os olhos  
E com sede sonha a tua água,

*Vôo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa*

*Ali, no chão*

Pequenina cidade  
perdida na noite do sertão.  
Que nome tens  
que eu não sei.  
E aqui do alto  
que nome de estrela  
eu te daria,  
porque és a clara luz  
do céu no chão

*voo São Paulo/Amsterdam-Bassano del Grappa  
passando depois de Montes Claros*

*como quem sempre adiante busca*

Tu que podemos dizer  
com um gesto da mão” “aqui é a casa.  
no entanto, como quem sempre adiante busca  
o inominado, consultas em silêncio  
um caramujo com que se ouve o mar  
e embora conduzas sete peregrinos  
fugitivos como tu, da Terra  
caminhas como um só  
e se olhas os céus, o que buscas  
errante, entre as estrelas?

*no mesmo voo/Bassano del Grappa*

*nos Ancares*

Um bando branco de carneiros  
Salpicava no campo a sua neve.  
Lã que os homens em setembro colhem  
Eles pastam longe do temor do lobo.  
Um cão ovelheiro a tudo atento  
permite que o pastor flauteie a flauta.  
Esta cena tão grega, tão judia  
aqui, entre as montanhas dos Ancares.

*O mesmo vôo, sobrevoando montanhas da Galícia  
Que somente poderiam ser Os Ancares/Bassano del Grappa*

*como em Itatiaia*

O amor que te tenho me entristece  
e entre triste e sereno te recordo.  
E nem no vento que me passou antes  
eu relembro em tuas margens  
regato que foi meu, a minha infância.  
E agora longe um rumor seja tudo  
O que de ti restou e vai comigo.  
Não sei se do vento ainda, se da alma  
Não sei se no chão que piso agora,  
estrada que em outro tempo te margeia  
o teu passar de águas rumoreja.

*Voo entre São Paulo e Amsterdam  
Relendo Salvatore Quasimodo  
Bassano di Grappa*

*nas serenas coisas*

E eu me recolho agora nas serenas coisas  
que da estrada não vê quem passa desatento:  
o roçar no braço deste vento  
o desenho momentâneo dos cabelos  
quase uma brisa que balança o mato  
serena brisa, mas que vai comigo  
e veio antes de mim e me esperava  
como quem diz: “daqui seguimos juntos”.  
E há um certo perfume da manhã  
que não é de flor, de rosa alguma  
mas que como a mão de um pai distante  
e me abraça e é quem me guia agora.  
A que odor de coisas rústicas: a terra úmida,  
a bosta da vaca, o hálito da horta  
evoca como um bafo este instante?  
E longe, o rumorejo de um mínimo regato  
que daqui não vejo, mas escuto  
e ele me canta como quem embala.  
E eu não sei mais se a criança ou se um velho  
se dão as mãos, se riem e vão embora.  
Mas, quem está aqui? Quem veio  
e é agora o velho de antes ou a criança?  
Pois quem eu seja, come caqui e suja o rosto  
Ensaia no chão a cambalhota  
e se embala como o vento no balanço.

*No mesmo voo, lendo o mesmo livro/Bassano di Grappa*



*Dar*

Tudo é meu!  
 À condição de que eu não tenha nada.  
 Se não levo comigo baú algum  
 Ou deva juntar em uma mala  
 Os trastes que me pesam do que tenho  
 E não uso, e não são meus portanto.  
 Se nada tenho e comigo levo nada  
 Terei livres as mãos, os braços soltos  
 De que caminha sem o peso da posse  
 E senhor de coisa alguma é pastor sol,  
 Do rebanho do vento na montanha  
 Do cantar dos pássaros, do florir da malva  
 Do olhar do outro, meu próximo, meu irmão  
 E se aponto para ele o céu à noite  
 Ele me diz: são nossas todas as estrelas  
 Porque não são tuas e nem de ninguém.

Samaritanos somos um do outro  
 E nos curamos da dor, do sofrimento  
 E, livre como eu, ele me obriga ao amor  
 E do amor à dádiva, e entre nós trocamos  
 O que somos e o que não temos.  
 Abro o alforje, a bolsa, a alma  
 E na estrada compartimos o pão e o vinho,  
 E um gole d'água e três canções  
 E o som do silêncio e o do olhar  
 E uma palavra que ele me diz  
 E em minha língua eu não entendo.

E ele sorri e e eu, e nos falamos  
Entre gestos com que os homens se abraçam  
E comungam o sonho de se encontrar  
No espelho do olhar de um outro.

Depois seguimos cada um o seu caminho.  
Sozinhos não estamos mais agora,  
Pois caminhando cada um em sua estrada  
O ser o outro caminha ao nosso lado.

*Basano del Grappa*

*Poemas escritos no México***um**

Assim eles foram  
os que vieram  
vindo de onde?  
Os que se foram.  
Saíram cedo  
e silenciosos  
de tal maneira  
que havendo ido  
parece que nunca  
haviam partido

**dois**

De tanto pensar  
e se pensar pensando,  
de tanto ser pensado  
um pensamento  
esqueceu um dia de manhã  
todas as palavras.  
E então, feliz e assustado  
Ele se pensou sem elas  
e ao se pensar sem nada  
descobriu que o pensar  
pode ser uma casa grande  
sem parede, sem teto e sem telhado  
uma casa de portas só abertas  
e de vento, de caminhos e janelas.

**três**

sonhei que quando  
alguém sonhava  
era eu quem sonhava  
no seu sonho  
como alguém desconhecido  
e já amigo.

E quando sonho  
o sonho que eu sonhava  
no fundo do sono do meu sonho  
lá dentro do meu sonho havia  
alguém que no seu sono dorme  
e quando no sono sonha,  
sonha comigo...

*POEMAS ESCRITOS NA ILHA**Lendo Borges*

Quando um floco de neve  
Caiu no ombro  
Pensei: podia ser agora  
A hora em que, branco desta alvura  
Eu morro, parto e vou embora  
Sem saber se volto à terra escura  
Ou se algo de mim  
De mim se evade  
E como a neve  
sobe a alguma altura.

*Sobre ser, existir*

Sinto tanto a falta  
De quem nunca veio.  
Sentiria a mesmo  
se estivesse aqui  
aquele que espero  
e seu nome esqueço?

Lembro com ternura  
o que nunca vi.  
Lembraria tanto  
se houvesse visto?

Escrevo o que escrevo  
porque já esqueci,  
e assim sendo sou  
porque me escrevi.

Sou porque me esqueço.  
E seria eu mesmo  
se pensar que sou  
este que não sei  
e, entanto, me assiste?

Então quem me pensa  
quando eu, esquecido  
na memória de um outro  
sonho ser, e existo?

*Sobre existir, ser*

Saberia eu já  
(se já não soubesse)  
Que eu sou aquele  
que me sendo, esquece?

E quando me esquece  
sobra de mim só  
atoalha branca  
que a memória tece.

E se escrevo isto  
como quem se lesse  
já não sei se o escrito  
é poema, ou prece.

*Lendo Fernando Pessoa  
(e re-escrevendo)*

O poeta é um fingidor  
(um fingidor inocente).  
Finge tanto, e inutilmente  
Que escreve pra não esquecer  
A dor que, esquecida,  
Sente.

*A noite, o dia*

O milagre da manhã  
quando ainda é noite  
ou isto a que chamamos:  
madrugada,  
é o haver de novo a luz  
no rosto escuro  
da noite escura que acesa,  
acaba.

Assim como o milagre  
do crepúsculo  
é o lento descer  
do céu ai chão  
o escuro manto  
bordado de estrelas  
a que damos este nome:  
escuridão.

*Lendo Nietzsche*  
(via Rubem Alves)*Um*

O condenado  
saboreia uma maçã.  
Prazer supremo, agora.  
E amanhã?  
O amanhã não há  
e espera é vã.  
Existe para ele o agora  
aqui, e mais esta maçã.



*Dois*

Morango.  
Se eu te como  
pendurado neste abismo  
é porque antes da queda  
sou eterno... nisto.

*Rubem Alves*

Às vezes  
sentir o sentimento  
é tanto,  
que pensar  
então o pensamento  
é como olhar  
as horas de um relógio  
para medir  
o gosto de um momento.

*Um lavrador***um**

Não empunhei espadas.  
Não fui guerreiro.  
Não feri corpos.  
Não salvei pátrias  
e nem tenho o peito  
coberto de medalhas.

Abri sulcos na terra  
com a enxada.  
Semeei no sulco a vida.  
Cuidei do que plantei  
E orei por chuva.  
Colhi o fruto da colheita  
e essas foram e são  
minhas batalhas.

*dois*

Feita a colheita  
do mês de maio  
do que plantei  
não sobrou nada.  
Nunca foi tão fértil  
o que eu colhi  
do que plantei  
com a minha enxada.

*Haikas e pequenos poemas**Um*

Voando na poeira  
veio com o vento  
a folha seca da figueira.

*Dois*

Sabe o sábado  
que ontem era  
sexta-feira?

*Três*

Com o vento  
voa a folha da figueira.  
Caída no chão  
Ela sonha ser poeira?

*Quatro*

Era noite  
quando a noite veio agora.  
É noite ainda  
quando a noite foi embora.

*Eu/nós*

Eu só me ouço  
quando te escuto.  
Eu só me vejo  
se te contemplo  
amigo, amigo.  
eu só me sei  
quando te sei  
e só me entrevejo  
o ser que eu sou  
quando me dizes,  
quando me falas  
o que de mim sabes  
e eu não.

eu não me penso  
quando me penso  
e só me penso  
quando me pensas  
quando eu te penso  
para sabermos  
quem somos nós.

Tu só te ouves  
Se te contemplo  
Quando me ouves.  
Se te contemplo  
é quando te vês  
Somente te sabes  
quando de mim sabes  
o que aprendes  
E só compreendes  
o ser que és  
quando eu te digo  
o que de ti sei.

E assim sendo, nós  
só nos sabemos  
quando escutamos  
do outro a voz.

### *A vida perene*

Espanto.  
No fim do inverno  
a folha seca  
é só o que vive.

***Tudo muda!****(na praça de Pátzcuaro)*

Tudo muda – dizia a índia  
enquanto aprumava nos ombros  
o rebozo negro e azul.  
Passavam carros, falavam celulares  
e as bancas nas ruas e na praça vendiam  
pilhas de rádio e raridades eletrônicas  
para corpos e almas movidas a bits.  
Tudo move, e tudo se movia  
enquanto ela, como quem olha ontem  
ajeitava sobre a manta branca  
panos escuros de um tear antigo.

*a outra lenda de narciso*

Entre todas as do bosque  
uma ninfa não conheceu Narciso.  
De ouvir as outras contaram  
a sua beleza inigualável  
a ninfa se enamorou, perdida  
por uma imagem nunca vista.

E às outras ninfas perguntava  
como ele era, Narciso.  
E as ninfas respondiam:  
“eu não te posso dizer  
porque Narciso é a imagem  
que eu carrego comigo”.

Então a ninfa se foi  
às águas da fonte suplicar:  
“me digam como era Narciso  
que no espelho destas água  
vinha se ver refletido”.

Narciso? Quem ele era?  
Como era esse quem: Narciso?  
Pois tudo o que vimos aqui  
até quando o espelho se foi  
eram as águas claras que somos  
em dois olhos refletidas.

***Huecório***

*(releitura de um poema escrito em Pátzcuaro, em 1967)*

Como se fosse a pedra sobre a pedra  
E sobre a pedra a pedra, a pedra pura.  
Como sendo em pedra a pedra e o campo  
E a casa, e em pedra a rua e o muro  
E de pedra a noite, o vento e a lua  
E o dobrar do milho ao tempo a pele dura,  
E como fosse sobre a pedra a pedra  
E de pedra a cama e o lençol e a sepultura  
O que faz deste pueblo um povo em luta  
Contra a pedra e de pedra a arma e a armadura  
De pedra corpo e em pedra a alma e a sina  
De lutar com ela ou contra a pedra,  
Quebrar a pedra e de pedra erguer o muro  
Quebrar a pedra e entre pedras por a planta  
Somar-se à pedra e nela haver a vida.  
Como se fosse a vida a pedra sob a pedra  
E sobre a pedra a pedra, a pedra pura.

*Pátzcuaro*

*agosto de 2009*



## *Quando*

Quando o ínfimo-tudo explodiu e a sua luz iluminou o rosto do nada uma quase eternidade antes de agora já na flecha do tempo estava desenhada aqui, onde depois de mil e milhões de milênios veio a mover-se ao redor de uma pequena estrela a poeira de um minúsculo planeta a que bem mais tarde em nossa língua demos o nome de Terra. Já estavam esboçados então a textura dura e cinza da pedra, o fogo interior do vulcão, os abismos escuros do mar, a cor amarela da flor do ipê, a fruta branca por dentro do cupuaçu, a multicolor das asas da saíra, o andar ondulado da sucuri, o cair da chuva dos janeiros, a algazarra dos macacos-prego, os primeiros passos trôpegos de quem veio a ser “o homem”, o formato do rosto e a cor dos olhos de você, que agora lê isto.

*O vento agora*

Quando veio era a noite.  
Se houve um vento, como?  
E se era um nome, não disse.  
Se um rosto, não se viu.  
A um canto sentou e era só  
e na mesa não acendeu a vela.  
Não havia o que ver entre as mãos.  
E olhava pela janela, um longe olhar  
de que procura ontem o já havido.  
Sofria? Quem soube? Olhava o longe  
além do mar e além, além da noite.  
Não comeu nada e nem bebia  
da cerveja amarga e espessa, quase escura.  
Como veio, foi. E fora a bruma  
apagou a sombra de seu corpo.  
Veio mesmo? Esteve aqui. Era um homem?  
Tomamos a cerveja e esquecemos.  
Não sei.  
Não soube?  
Quemsabia?

*vindo, de onde?*

Lá de onde um dia eu vim  
já não era então lugar algum.  
Se era, como é que fora  
um não-lugar sem começo  
e sem meio e nem sem fim.  
De onde eu vim não há nada  
e nem o nada há lá, enfim.

Mas até lá eu fui, e indo  
eu vim do que não existe?  
E já que eu cheguei aqui  
(mas será que o aqui existe?)  
eu paro e pergunto assim:  
de onde eu venho se eu não fui?  
E quem sou eu que vim de lá  
e cheguei sem saber de onde  
e sem lembrar nada de mim?

*Tita*

Com os dedos curtos,  
pelos gelos das pedras dos Alpes  
e pelo correr de seu fio de anos  
em sua casa em Cole Santa Lucia  
o velho Tita, guia dos montes altos  
apontava ora quadros e fotos na parede  
ora imagens a cores em um livro aberto sobre a mesa.  
E como um mago que batiza o mundo  
ele desenhava alturas e vias e me segredava  
alguns nomes de montanhas.

Pela primeira vez os Montes Dolomitas  
ganhavam nomes em mim e, como eles, tinham vida.  
O velho alpinista que conhecia cada cume gelado  
como as árvores de um quintal de casa  
mostrava a linha vermelha da via de escalada  
em cada monte de cada pagina do livro.

Mas humilde, como quem antes foi pastor de ovelhas  
entre vales e picos de Val di Paste  
não narrava os seus feitos. Calava e narrava proezas  
como se eu mesmo nelas tivesse ido.  
E com o dedo apontava lances de perigo, abismos,  
como quem ensina como se pastoreias.  
aos treze anos esqueceu de crescer  
ele domou alturas e guiou ao alto pessoas atadas em cordas  
e chegou em silêncio, como em missa de domingo  
ao mais alto onde o corpo de um homem dos Alpes  
com uma alma como a sua poderia chegar.

## *UM RIO COMO UM PÁSSARO*

*Para Frei Cappio*

*Como um pássaro um rio*

Como um pássaro um rio viaja.  
Como um pássaro ele voa a sua viagem.  
Como um pássaro ele voa e vê o mundo  
como quem lembra a casa onde mora.  
Mas o pássaro pousa quando cansa  
e um rio só descansa quando morre.

*Alguns sinais do tempo*

Às vezes de um lado ou de outro das margens  
que me são como as beiras de minhas asas  
eu vejo luzes mais do que em outros dias,  
e o estrondo com que os povos das cidades  
por onde passo, clareiam a noite de suas festas.  
Eles celebram o passar dos dias e os seus santos  
e contam uma centena do que chamam “um ano”  
como se fosse um longo, um incontável tempo.  
Como dizer a eles que todo aquele tempo é: agora?

Pois muito antes da era em que chegaram às matas  
que vestiam de verdes os caminhos de meu vôo,  
os primeiros homens de outras peles, preces, cantos  
e outros deuses e motivos de acender fogos e cantar,  
já então eu era e deslizava as minhas águas claras  
por terras cobertas de verde e vazias de nomes.  
Aquilo foi quando os primeiros sinais da vida  
deixavam o selo do andar de seres em minhas areias,  
e não havia ainda a marca dos pés dos homens.

*Foi então quando*

Foi então quando as minhas águas ouviram vozes,  
 e aprendi sem pressa que um outro povo da vida  
 havia chegado. E foi então um outro tempo.  
 Vieram de longe os que se cobrem de peles  
 e edificam de madeira, barro e pedra o lugar  
 onde fazem o amor e acalentam os filhos.  
 Entre o tempo das chuvas e o dos ares secos,  
 quantas águas terei levado do sertão ao sal do mar  
 até quando chegaram a essas terras os homens  
 as mulheres e as crias de outros povos.  
 Os que a mim me deram com as suas falas,  
 tão diversas do cantar das aves e do vento,  
 este nome que soa como chuva na palha: *Opará?*  
 Convivemos muitas eras como quem navega  
 e quem acolhe quem aprendeu a navegar.  
 Eles flutuaram madeiras em minhas águas  
 e as entre as ilhas de meu leito viajavam sem medo.  
 Pescavam os meus peixes e os comiam, poucos,  
 à volta de fogos, falando de frutos e de deuses.  
 Vinham os seus filhos e mergulhavam em minha água  
 como quem abre a porta da frente e entra em casa.  
 Foram eras felizes e pensei que para sempre  
 eu poderia abrigar os homens como as aves.

*Então chegaram outros*

Não reconheci como seres da vida, como homens  
 os que vieram depois e chegaram aqui um dia.  
 Vinham vestidos de roupas e de estrondos  
 e calçavam aços com que feriam minhas areias  
 acostumadas aos pés nus de moças de pela escura  
 e aos corpos suaves, com que de vez em quando  
 um homem e uma mulher gemiam de prazer  
 e depois se lavavam em águas, como um rito.  
 Os homens de pele clara rasgaram caminhos  
 e aprenderam a queimar o verde de meus matos  
 e a lidar comigo como quem doma um inimigo.  
 O meu nome trocaram por este: *São Francisco*.

E custei a compreender porque me chamavam  
com o nome de um homem de outras falas  
que se viesse a mim me tomaria como um irmão.

Foram os tempos do fogo e do desatino.  
Grandes barcos ruidosos cortavam o meu silêncio  
e o que não cabia em suas casas de ferro e barro  
eles atiravam na minha, pois um rio é um vôo e um lar.  
E aprenderam com o tempo a reter as minhas águas.  
E os sertões por onde viajo viraram grandes lagos,  
enquanto as lagoas de minha terceira margem  
onde os peixes geravam suas crias e a vida das águas  
começaram a secar como um céu do mês de agosto.  
Um rio não se doma, eu quis dizer aos novos homens,  
mas eles não aprenderam com os povos que mataram  
com artifícios de ferros, fogos e de fome,  
a calar ante as minhas águas e ouvir a minha voz.

Tudo o que nasce deve morrer um dia.  
Uma ave voa e um dia morre e é breve o seu vôo.  
Voa um rio um tempo que nem mesmo os deuses contam  
E eu imaginava navegar as minhas águas  
e as águas dos rios que chegam comigo ao mar  
por muitos dias e muitas eras de sol e chuva ainda.

Mas entre as pedras eu sinto que me findo aos poucos  
entre cada janeiro de minhas águas cheias  
e os julhos frios dos meu dias secos.  
E os que me tratam com o furor de máquinas  
como quem veio até mim em sua guerra  
querem agora fazer de meu leito rios de finge.  
Águas de mentira roubadas de meu vôo  
e levadas do seco ao que é mais seco ainda.

*Como dizer aos homens agora?*

Como dizer aos que mentem a mim e aos outros,  
que se há tantas mulheres tristes e meninas magras  
aos dois lados de meu caminho noite adentro,  
como esperar que de um rio cavado a esmo  
haja no deserto farturas de vida, trigo e uvas?  
Aprendi com o tempo e o passar dos homens  
que quando há fome entre os povos que me cercam

não é porque a terra e as águas sejam avarentas.  
Outros povos viveram aqui e a todos eu nutri  
e assim também as terras virgens do sertão,  
como um pai nutre um filho, e um irmão a outro irmão.  
Se há fome, é porque alguns roubam o que é de todos:  
minha vida, os meus peixes, minhas águas e meu vôo.

Um rio se ama e não se doma, como não se pára um vôo  
a não ser com a arma que fere a ave e mata o vôo.  
Vivo ainda, e entre os barros e os azuis de meus dias  
espero que venha de novo o dia em que o verde  
e o frescor da vida das árvores de mil nomes  
repopoe de flores, de frutas e de bichos  
os dois lados do caminho por onde eu vou ao mar.

Vivo de saber do amor daqueles a quem amo  
e que imagino serem como o homem, Francisco,  
que cantava o sol e o vento, a água e a fêmea,  
e que com as mãos nuas beberia de minhas águas  
e também a mim, um rio, me chamaria: irmão.

*Noite de Natal em 2008*  
*Carlos Rodrigues Brandão*



escritos  
da  
rosa dos ventos



***Este volume de escritos envolve um conjunto de poemas antigos e novos, mantidos como no original, ou revisitados e revistos.***

***Ele integra a série***

***ESCRITOS DA ROSA DOS VENTOS***

***Ele é colocado em circulação para ser acessado, lido e compartilhado livre e gratuitamente.***

***Livros meus podem ser encontrados em***

***[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)***

***[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)***

***LIVRO LIVRE***